

O QUE TEM JERUSALÉM COM ATENAS?

Marcos Campos Botelho¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é entender algumas implicações da relação ao longo da história entre Filosofia e a fé. Propondo uma análise cuidadosa para que entendamos os exageros e também o menosprezo da influência da Filosofia sobre a fé e da fé sobre a Filosofia. Em termos gerais, a proposta articulada trata sobre a possibilidade de uma beligerância e não uma disputa bélica entre esses dois elementos. A fé representa o conhecimento estruturado no Cristianismo ortodoxo e a Filosofia, por sua vez, diz respeito ao pensamento elaborado pelo ser humano do ponto de vista racional e conceitual. Ambos tratam dos mesmos temas, no entanto, suas respostas nem sempre seguem na mesma direção. Assim, não necessitamos entender a Filosofia como intrinsecamente inimiga, pelo contrário, podemos fazer uso da mesma de maneira que sirva de instrumentalidade e ao mesmo tempo de articulação apologética para defesa da fé.

Palavras-chave: Filosofia; proposições; lógica; fé; razão.

ABSTRACT

The aim of this article is to understand some of the implications of the relation along the history between philosophy and faith. Proposing a careful analysis so that we understand the excess and also the despise of the influence of philosophy over faith and faith over philosophy. In general terms, the jointed proposal is about the possibility of a belligerency and not a belic competition between these two elements. Faith represents the knowledge structured in the orthodoxical Christianity, and philosophy, itself, regards to the elaborate thinking of the human being from the rational and conceptual point of view. Both regard to the same themes, however, their answers not always follow the same direction. Thus, we don't need to understand philosophy as intrinsically an enemy; on the contrary, we can make use of it in a way that it serves as instrumentality and at the same time apologetic articulation to the defense of faith.

Key-words: Philosophy; proposition; logical; faith; reason.

¹ O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Brasil Central, bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás; e docente do Seminário Presbiteriano Brasil Central, Faculdade FAIFA e do Centro de Pós-graduação Andrew Jumper do Instituto Presbiteriano Mackenzie. E-mail: mmarcoscb@hotmail.com.

Tertuliano foi um apologeta cristão do segundo século, tendo uma formação filosófica, do direito e da literatura antes de tornar-se um cristão. Viveu numa época em que teve de enfrentar as ameaças do gnosticismo, que tentava unir elementos do Cristianismo, Judaísmo e Filosofia grega. Tertuliano (*apud* FRANGUIOTTI, 1992a) declarou uma frase que se tornou muito famosa e que é usada até os nossos dias para estabelecer uma distinção entre a fé cristã e a Filosofia: *o que tem Jerusalém com Atenas?*

Essa questão aponta para uma série de dificuldades desde o segundo século até nossos dias, em se distinguir a relação entre fé e razão. Não é uma tarefa fácil estabelecer uma distinção correta entre estes dois pontos; é tão difícil como andar sobre uma corda bamba, o que exige muito equilíbrio. Uma comprovação dessa realidade são os evidentes erros históricos na tentativa de fazer uma diferença entre um e outro.

No segundo século, o próprio Tertuliano e Justino o mártir (*apud* FRANGIOTTI, 1992a), afirmavam que não temos mais necessidade de especulação, pois com o evangelho não precisamos mais pesquisar ou conhecer outra coisa. A razão requer que devemos honrar e amar somente a verdade bíblica, desprezando as opiniões dos antigos. Temos assim um tipo de antiintelectualismo como fuga para uma reflexão mais profunda. Neste caso, a fé é colocada em detrimento da razão. Outro exemplo vem do século XVI, quando os reformadores acusaram a Igreja Católica Romana de distorcer o evangelho com a filosofia pagã por meio do racionalismo clássico de Platão, o empirismo de Aristóteles e o relativismo de Nicolau de Cusa. Ou seja, as especulações filosóficas regiam a maneira como discorriam sobre as questões da fé. Neste caso, era a razão em detrimento da fé.

Ainda mais, no século XX, Karl Barth (*apud* MCGRATH, 2005) reagiu contra um tipo de liberalismo protestante que havia reduzido o Cristianismo a uma forma de comportamento humano. Ele insistiu que não havia revelação natural. Deus só se revela na Palavra viva e escrita. Para Barth, uma abertura para com a Filosofia na religião sempre leva a perverter a ambas; para ele, fé e razão devem permanecer separados. Neste posicionamento, a fé e a razão não se interagem.

Diante de todas essas dificuldades, muitos cristãos de hoje simplesmente taparam os ouvidos, ignoraram o mundo e passaram a ler apenas a Bíblia. Por que gastar tempo

com a sabedoria do mundo se o risco é grande? A questão é que existem muitas razões para se correr esse risco e serão mencionadas pelo menos três delas.

Em primeiro lugar, a Bíblia por si só não é resposta para toda espécie de problemas da humanidade. É preciso entender bem a afirmação: não está sendo dito que na Bíblia não encontramos as respostas essenciais para as questões da humanidade; não se trata disso. Mas, sim, que a Bíblia não é um manual para cada problema de nossas vidas, pois essa não é, e nem foi, a intenção do seu autor. A Bíblia é suficiente para tudo o que é necessário à salvação e a piedade. Ela é suficiente para tudo que está dentro do escopo de seu propósito. Mas a Bíblia não é um catálogo mágico de conselhos e nem um sistema filosófico ou um tratado científico. Isso sugere o seguinte: não é por que não encontramos salvação através dos grandes filósofos que não devemos conhecer ou acreditar em mais nada que não dependa da Bíblia. Ou simplesmente porque não podemos aprender sobre o plano da redenção de Deus através da ciência é que devemos desprezar esse conhecimento. Se não achamos que incrédulos ou pagãos tenham algo significativo para dizer ou contribuir para nossas vidas, ignoramos alguns presentes maravilhosos de Deus e trivializamos os problemas da humanidade, pois os problemas complicados não sucumbem às respostas simplistas. A morte é empiricamente demonstrável. É uma realidade da experiência humana. Um não cristão poderá ajudar um cristão a enfrentar a morte quando, por exemplo, um psicólogo ou médico não cristão escreve um livro que explica como entender a condição de um paciente terminal.

O que precisamos entender é que existem níveis distintos do saber humano e cada um desses níveis compreende uma área específica da atividade humana. A ciência tem como objetivo uma análise da realidade objetiva e por isso ela estuda os fenômenos naturais por meio de seus vários instrumentos de investigação. Ora, não podemos negar que este conhecimento ao longo da história, trouxe muitos benefícios para a humanidade. Da mesma forma temos o conhecimento filosófico; este, no entanto, diferente da ciência, tem seu campo de abrangência mais extenso. A Filosofia tem uma preocupação com a realidade múltipla; ela não analisa somente a natureza, embora essa também faça parte de sua pesquisa como o fizeram os filósofos pré-socráticos com sua cosmologia. Indo mais além, a Filosofia estuda a realidade social, política, histórica, a própria ciência, a mente, a religião, a linguagem, a metafísica etc. A instrumentalidade da Filosofia, por exemplo, é a mesma da Teologia, visto que ambas lidam com conceitos. A Filosofia possui uma especificidade que é a análise conceitual. Isto por que ela é teórica. Quando

analisamos os aspectos teológicos, da mesma maneira encontramos essa forma de expressar seus conhecimentos, o conceito faz parte da instrumentalização teológica. Há duas abordagens na Teologia. Na Teologia tradicional ou ortodoxa, seus conceitos são fundamentados por meio da auto-revelação de Deus aos homens. Ou seja, sua base é escriturística. O pressuposto estabelecido é que Deus se revelou proposicionalmente, assim a própria revelação de Deus foi estabelecida por meio de conceitos, sendo estes essenciais para a elaboração da Teologia cristã. Na perspectiva ortodoxa leva-se em conta um conceito famoso de Calvino que é o princípio da acomodação. Sustentava Calvino que Deus tinha de descer ao nosso nível para que pudesse se revelar a nós. Assim, Deus “comprimiu” sua grandiosidade de modo que pudesse satisfazer nossas necessidades de compreensão.

A segunda abordagem teológica pode ser construída através de pressupostos filosóficos. Encontramos essa elaboração na Teologia liberal. Por exemplo, C. F. Baur, que morreu em 1860, erigiu uma teologia paulina por meio de uma interpretação de Paulo tendo como diretriz a filosofia hegeliana, e assim, ele criou uma concepção paulina do Espírito e no tema da antítese Espírito e carne ligado a essa concepção. Baur entendeu que o Espírito, sob a ótica de Hegel, tratava do infinito absoluto em oposição ao finito que é a carne. No espírito, o homem tem uma porção do Espírito do próprio Deus, por meio do qual ele é libertado do finito e do relativo, e alcança a liberdade absoluta (RIDDERBOS, 2004, p. 14). Percebamos aqui a importância do conhecimento filosófico, pois há uma necessidade de estudarmos a filosofia no mínimo para estarmos atentos a esse tipo de hermenêutica que desconsidera o apóstolo Paulo em seu contexto. Se não tivermos o conhecimento filosófico não entenderemos e não poderemos discernir a concepção de Baur que era inteiramente governada pela visão hegeliana da História e pela ideia de Espírito. Interessante notar, dentro deste problema, é que as concepções críticas e universalistas-idealistas de Baur acerca do Cristianismo original continuam a exercer grande influência, e a distância que ele criou entre a doutrina de Paulo e a dos outros apóstolos, que se relacionaram com Jesus, continuam a ser, dentre outros, os principais temas das investigações mais recentes. Portanto, tentar estudar Teologia sem bases sólidas no campo da Filosofia poderá trazer várias conseqüências, inclusive a de sucumbirmos perdendo referenciais diante dessas ideias estranhas à fé cristã tradicional.

Em segundo lugar, a fé não é contrária a lógica ou racionalmente indefensável. Essa é outra razão importante porque devemos gastar tempo com a razão humana, visto que a nossa fé é racionalmente defensável. Não há motivo para esconder a fé num

contexto universitário em virtude de impossibilidades de sustentar a mesma de forma lógica e racional. A argumentação a favor deste ponto traz um exemplo da lógica que é um ramo importante da Filosofia. Na lógica aristotélica, a lógica dos enunciados categóricos, em que há no silogismo duas premissas e uma conclusão, existem os argumentos válidos. Para que este seja válido é necessário que haja o elemento existencial. Ou seja, um objeto existente como homem, mesa, carro etc. Nos enunciados que contenham unicórnio e papai Noel, esse elemento existencial não existe simplesmente por que essas figuras são inexistentes, são frutos da imaginação humana. Assim, uma proposição, além de poder ser verdadeira ou falsa, poderá também ser inexistente quando seu objeto for inexistente.

Mas e quanto a Deus, que não podemos provar sua existência de maneira categórica ou empírica, será que ele se encontra na mesma situação de um papai Noel? Com Deus é diferente, pois assim como não podemos provar sua existência por meios empíricos, os ateus também não podem provar sua inexistência. Além disso, há argumentos ao longo da História que apontam para dificuldades filosóficas em torno dessa questão. Anselmo, no século XII, insistiu no seu argumento ontológico que Deus é um ser simples, puro de quem não encontramos nenhum paralelo na existência material. Mesmo assim, concebemos a ideia de um ser infinito e perfeito. Por quê? Porque esse ser é absolutamente existente em virtude de não sermos capazes de imaginar um ser não existente de forma simples. Ou seja, toda a não existência que podemos imaginar vem por meio de elementos já existentes. Criamos seres inexistentes a partir de coisas existentes. Assim, os seres inexistentes que existem, fruto da imaginação humana, são compostos. Um unicórnio é a composição de um cavalo branco mais um chifre que lhe confere poderes sobrenaturais. Isso explica por que somos capazes de conceber a ideia de um Deus infinito, eterno e perfeito e explica também por que não somos capazes de conceber a ideia de um ser que seja mais que perfeito, mais que eterno e mais que infinito, porque esse ser não existe. Numa questão metafísica podemos dizer que somente há duas alternativas para a explicação da origem da existência: ou o universo tem origem no impessoal, daí os adeptos desse posicionamento terão que explicar como uma origem impessoal como matéria ou energia possibilitou a personalidade na vida dos seres humanos, ou então, o universo teve uma origem pessoal, um ser pessoal estabeleceu o fundamento de todas as coisas, e isso explicaria a personalidade humana. Tudo isso nos leva somente para uma direção, de que ser lógico é uma dádiva de Deus

para os homens; como ensinamos na Teologia, é uma das características da presença da imagem de Deus em nossas vidas.

Não temos que dizer que a nossa fé não se sustenta racionalmente, ou que a nossa fé não está num plano do raciocínio lógico fundamentado. Ao longo da história alguns argumentos foram apresentados contra a fé cristã afirmando que nem sempre existe uma relação de coerência entre aspectos da fé e aspectos da lógica. Esses argumentos apresentaram um caráter dualista em seus conceitos: o que pertence aos parâmetros da fé não pode pertencer aos da razão; os da razão não podem pertencer aos da fé. Na verdade, esse problema está presente não somente entre razão e fé, mas entre aspectos teóricos da lógica e aspectos experienciais da vida. Podemos argumentar que nem sempre existe uma relação ou uma correspondência entre os aspectos lógicos do pensamento e os aspectos não lógicos da experiência. Essa dissociação analítica do lógico racional e da experiência não-lógico pressupõe que eles foram abstraídos do elo contínuo de sua coerência na ordem do tempo. Isso significa que não podemos capturá-los em conceitos lógicos sem separá-los de todos os outros aspectos em uma descontinuidade lógica abstrata. Essa é a justificativa de nossas experiências práticas, fora do âmbito da lógica formal, nem sempre coincidirem ou concordarem com os aspectos do pensamento teórico no campo da lógica formal. Quem argumenta profundamente este aspecto é um filósofo cristão reformado chamado Herman Dooyeweerd (2010). Ele diz que é falso que o pensamento teórico seja capaz de penetrar a realidade empírica como essa realmente é. Para demonstrar isso, observemos o desenvolvimento dessa mesma ideia do filósofo norte-americano Searle que explica, através de uma demonstração, que as noções lógicas podem ser impossíveis na experiência.

É fácil produzir uma prova filosófica de que o auto-engano é impossível, mas já que todos sabemos que é possível, deve haver alguma coisa errada com a prova. Eis a prova: para que A engane B sobre uma proposição p , A deve acreditar que p e deliberadamente induzir B a acreditar em $\text{não-}p$, o que é uma contradição. A resposta a essa prova, e a solução do paradoxo, é apontar para o fato de que o auto-engano exige processos mentais inconscientes. Pode-se acreditar conscientemente e alegar sinceramente que se pretende parar de fumar, quando na verdade se sabe interiormente que não se tem tal intenção. É essa a natureza do auto-engano. Assim, alegamos conscientemente que p enquanto sabemos inconscientemente que $\text{não-}p$, e até mesmo resistimos a trazer esse conhecimento de $\text{não-}p$ para nossa consciência. (SEARLE, 1998, p. 71)

Assim, percebemos que, no plano lógico, uma coisa pode ser contraditória, mas no plano empírico ou da nossa experiência o mesmo objeto é verdadeiro e não contraditório. Olhemos para a expressão paulina “loucura” tantas vezes mal interpretada. Devemos entender que “a loucura da cruz para os que se perdem” como diz Paulo (I Co 1.18), não é loucura no sentido do não-lógico, mas é loucura até mesmo para aqueles que estão convencidos de seus argumentos. Foi Pinchas Lapide² (1983), estudioso judeu moderno que argumentou pela ressurreição como evento histórico, contudo não expressou interesse algum nela como solução para o problema entre ele e Deus. Isso mostra que não existe incompatibilidade entre fé e razão; mesmo um indivíduo aceitando a alegação bíblica num plano racional, pode negá-la em sua experiência. O pensador escolástico Anselmo, em seu *Proslogion* (*apud* FRANGIOTTI, 1992b), tratando sobre fé e razão serem mutuamente dependentes tornou célebre a afirmação: creio a fim de poder compreender, mas também compreendo, pelo que creio. Todo sistema filosófico ou religioso, mesmo que negue ou rejeite a razão, emprega essa mesma razão para negar a sua validade. Nós não podemos pensar sem fazer uso da razão; assim ela desempenha um papel destacado na fé cristã. As proposições que encontramos na Bíblia são dirigidas a razão humana, do mesmo modo e com a mesma eficácia que as proposições que vem de qualquer outro campo do conhecimento.

Um terceiro aspecto a ser destacado é a respeito daquilo que deve dirigir a nossa cosmovisão, ou seja, são as convicções bíblicas e não os pressupostos filosóficos seculares. Paulo, em Colossenses 2.8, advertiu os cristãos de sua época para que não fossem tragados pelos interesses humanos em vez dos interesses das coisas de Deus. Em outras palavras, as pressuposições seculares não devem continuar a dirigir a nossa cosmovisão, que deve ser guiada pelas convicções bíblicas. Cosmovisão é um termo usado para identificar nossa compreensão da realidade e qual estrutura ou arcabouço utilizamos para compreendê-la. Foi afirmado acima que não podemos ter um menosprezo com o pensamento filosófico visto que ele representa um tipo de investigação da realidade em vários aspectos. Mas, isso não significa que devemos aquiescer os pensamentos a conceitos conflitantes com a Palavra de Deus. É de Agostinho com repercussão de João Calvino (1998) a famosa frase de que toda verdade é verdade de Deus, não importa quem a diga. No entanto, pressupostos filosóficos podem entrar em conflito com pressupostos escriturísticos; então, devemos nos posicionar como cristãos e reafirmar nosso compromisso com a Palavra. Áreas diversas tais como a ética, a

² Para saber mais, ver Pinchas Lapide, *The Resurrection of Jesus*. Londres: SPCK, 1983.

metafísica, a epistemologia e a linguagem podem ser de caráter altamente ateu e manifestar posicionamentos anticristãos. Nosso dever é confirmar nossa fé por meio desses posicionamentos em vez de assumirmos posições que contradizem as Escrituras. Mesmo assim, não devemos pensar que, em virtude dessas considerações, a Filosofia será sempre anticristã. Não era o caso de Paulo crer que Platão e Aristóteles nada tinham a dizer sobre qualquer verdade, relevância ou valor, mas que, sempre que falavam de assuntos que a Bíblia falava o que regeia sempre o coração e a mente do cristão teria que ser o claro ensino das Escrituras e não as especulações filosóficas. Precisamos entender que não estamos imunes as filosofias seculares. Por exemplo, hoje vivemos os resultados da Filosofia que nasceu na era Moderna, o pragmatismo de Willian James e o utilitarismo de Start Mill. Os líderes eclesiais talvez nunca leram esses filósofos, mas lêem os especialistas em crescimento de igreja e que demonstram maior conhecimento secular do que da Teologia das Escrituras. Enfim, para julgar nossas idéias, devemos conhecer o máximo possível, duas coisas: as forças do mundo que formam nossos pensamentos e as verdades da Escritura que corrigem nossos pensamentos e revelam a Deus e suas promessas de salvação para nós.

Nessa relação entre fé e razão devemos tomar cuidado com dois perigos. O primeiro é ignorar as promessas da sabedoria humana. Deus concede a todos os homens sabedoria, justiça e retidão civil. Embora esses dons sejam símbolos da graça comum, eles não devem ser encarados levemente. Perdemos os dons de Deus distribuídos aos incrédulos por sua graça comum. Precisamos entender que em virtude de Deus ter criado este mundo e o sustentar por sua graciosa providência, não existe atividade secular proibida aos cristãos, a não ser que essa atividade seja especificamente proibida por Deus nas Escrituras. Segundo, precisamos acautelar para os efeitos do pensamento secular sobre o nosso pensamento e estilo de vida nos pontos em que essas forças colidem com a Escritura. Da mesma forma que um réu que não tem com que pagar um advogado terá um oferecido pelo Poder Judiciário, assim também toda pessoa possui uma perspectiva filosófica que influencia até mesmo sua maneira de ler a Bíblia, não importa se vem de uma leitura de Sartre ou por assistir o programa *Jô Soares*, seja ele sofisticado, urbano, superficial ou de relevância passageira.

Voltando a nossa questão inicial: o que tem Jerusalém com Atenas? Há muitas relações entre essas duas cidades simbólicas em virtude que nelas existem expressões da grandeza de Deus em maior ou menor grau. Jerusalém é lugar palco da revelação de

Deus; no passado os profetas e Cristo andaram e falaram em suas ruas e praças transmitindo o conhecimento de Deus aos homens. Atenas, nos seus dias áureos, ouviu discursos muito bem elaborados por homens como Platão e Aristóteles que trataram sobre as coisas da vida. Pois bem, sigamos nosso caminho fazendo Teologia ou Filosofia entendendo que a capacidade de conhecer a realidade é uma dádiva de Deus aos seres humanos, expressão da sua graça especial (Jerusalém) e de sua graça comum (Atenas).

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução em português por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. 2ª. Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CALVINO, João. *As Pastoris*. São Paulo: Paracletos, 1998.

DOOYEWEERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento*. São Paulo: Hagnos, 2010.

FRANGIOTTI, Roque. *História da Teologia: período medieval*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *História da Teologia: período patrístico*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SEARLE, John R. *Mente, linguagem e sociedade*. Rio de Janeiro: Ciência Atual Rocco, 1998.